



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

AS ENCRUZILHADAS DO QUILOMBO: EMPONDERAR GENTE PRETA É DAR OUSADIA

*LA ENCRUCIJADA DEL QUILOMBO: EMPONDERAR LOS NEGROS ES DAR
AUDAZÍA*

*THE CROSSROADS OF QUILOMBO: EMPOWERING BLACK PEOPLE IS GIVING
BOLDNESS*

Sâmara Santos Conceição¹

Eduardo Oliveira Miranda²

RESUMO

O presente texto se propõe a pensar as encruzilhadas que atravessam as comunidades quilombos reflexões propostas a partir de conceitos trazidos por Beatriz Nascimento, Abdias do Nascimento, Nilma Lino Gomes, Kabengele Munganga entre outros. A discussão busca dar ênfase a aspectos como a educação escolar quilombolas assim como se dispendo a pensar os corpos-territórios que ocupam esses espaços. É importante frisar que os quilombos desempenharam um papel fundamental na história do Brasil, oferecendo não apenas um refúgio físico, mas também um espaço para a manutenção e desenvolvimento de culturas africanas, em contraste com o processo de aculturação imposto pelos colonizadores europeus. A presente produção textual se propõe a pensar de que modo os corpos-territórios quilombolas forjam os seus próprios corpos como estratégia para a manutenção do quilombo buscando compreender como os corpos-territórios quilombolas narram suas vivências nesses espaços.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Território; Comunidades Quilombolas.

RESUMEN

Este texto propone pensar en las encrucijadas que atraviesan las comunidades quilombos, reflexiones propuestas a partir de conceptos traídos por Beatriz Nascimento, Abdias do Nascimento, Nilma Lino Gomes, Kabengele Munganga, entre otros. La discusión busca enfatizar aspectos como la educación escolar quilombola, así como la voluntad de pensar sobre los cuerpos-territorios que ocupan estos espacios. Es importante resaltar que los quilombos jugaron un papel fundamental en la historia de Brasil, ofreciendo no sólo un refugio físico, sino también un espacio para el mantenimiento y desarrollo de las culturas africanas, en contraste con el proceso de aculturación impuesto por los colonizadores europeos. Esta producción textual propone pensar cómo los cuerpos-territorios quilombolas forjan sus propios cuerpos como estrategia de mantenimiento del quilombo, buscando comprender cómo los cuerpoterritorios quilombolas narran sus experiencias en estos espacios.

PALABRAS CLAVE: Educación; territorio; comunidades quilombolas.

¹ Mestranda em Educação; UEFS . conceicaosamara19@gmail.com

² Doutor em Educação; UFBA eduardomiranda48@gmail.com



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

ABSTRACT

This text proposes to think about the crossroads that cross quilombo communities, reflections proposed based on concepts brought by Beatriz Nascimento, Abdias do Nascimento, Nilma Lino Gomes, Kabengele Munganga, among others. The discussion seeks to emphasize aspects such as quilombola school education as well as being willing to think about the bodies-territories that occupy these spaces. It is important to emphasize that quilombos played a fundamental role in the history of Brazil, offering not only a physical refuge, but also a space for the maintenance and development of African cultures, in contrast to the acculturation process imposed by European colonizers. This textual production proposes to think about how quilombola bodies-territories forge their own bodies as a strategy for maintaining the quilombo, seeking to understand how quilombola bodies-territories narrate their experiences in these spaces.

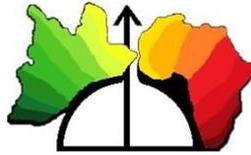
KEYWORDS: Education; Territory; Quilombola Communities.

INTRODUÇÃO

Se quer ir rápido vá sozinho. Se quer ir longe, vá em grupo
Provérbio Africano

Início o texto com o provérbio Africano por acredita que ele traduz de forma genuína o que significa quilombo na perspectiva que busca abordar, trazendo a ideia de coletividade que atravessa esse território, assim como, o pensamento primordial de que “eu sou porque nós somos” que fortalece e constitui esse espaço de lutas e resistências. Assim não podemos nos furtar de pensar a maneira como o território desempenha um papel fundamental na questão racial no Brasil, afinal a distribuição espacial da população negra, indígena e quilombola reflete tanto processos históricos quanto as desigualdades socioeconômicas. A colonização, a escravidão e as políticas de urbanização moldaram profundamente a maneira como esses grupos foram e são segregados em termos de acesso à terra, moradia e infraestrutura,

Dentro desse contexto a educação assume um papel crucial sendo historicamente utilizada como ferramenta para a manutenção das desigualdades sociais, cabe destacar que aqui o intuito é pensar inclusive a educação escolar quilombola, existe então a necessidade de realizar um movimento contrário nos apropriando da educação e



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

fazendo dela um mecanismo de fortalecimento identitário, desenvolvendo a consciência crítica e inclusiva preparando os indivíduos para atuarem na construção de uma sociedade que esteja pautada no respeito a diferença e a diversidade cultural.

Pensar e vivenciar esses espaços exige de nós o movimento de Sankofa que simboliza o retorno ao passado, resgatando o que foi perdido e só então caminhando para frente, assim como, a necessidade de pedir licença aos mais velhos e aos donos da terra para que só então possamos iniciar nossa pesquisa. É importante salientar que a pesquisa está fincada no conceito de Decolonialidade Afro-brasileira que por vezes atravessa o texto de diversas maneiras e que se constitui como fundante para pensar esses espaços e os sujeitos que o compõe. Desse modo, a presente produção textual se propõe a pensar de que modo os corpos-territórios quilombolas forjam os seus próprios corpos como estratégia para a manutenção do quilombo, buscando compreender como os corpos-territórios quilombolas narram suas vivências/experiências nesses espaços.

A atividade justifica-se a partir experiências produzidas no curso de pós-graduação Lato sensu em História e Cultura Afro-brasileira e indígena ofertada pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano do qual fiz parte atrelado ao movimentos que vem sendo realizado no Projeto de Extensão Educação DeSCOrall: possibilidades afro-brasileiras para a (re) invenção docente do Grupo de Pesquisa Corpo-território, Educação e Decolonialidade (CNPq/UEFS).

AQUILOMBAR-SE: ELES COMBINARAM DE NOS MATAR, MAS NÓS COMBINAMOS DE NÃO MORRER

Pensar as encruzilhadas do Quilombo pressupõe em primeira instância compreender esse espaço, a palavra "quilombo" tem origem no termo "kilombo" da língua quimbundo, falada por povos da região que hoje corresponde a Angola. No contexto histórico brasileiro, quilombo refere-se a comunidades formadas por escravos africanos que fugiam das fazendas, minas e cidades onde eram submetidos ao trabalho forçado. Esses



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

refúgios eram estabelecidos em locais de difícil acesso, como matas e montanhas, e funcionavam como verdadeiros espaços de resistência à escravidão.

Os quilombos desempenharam um papel fundamental na história do Brasil, oferecendo não apenas um refúgio físico, mas também um espaço para a manutenção e desenvolvimento de culturas africanas, em contraste com o processo de aculturação imposto pelos colonizadores europeus se constituindo enquanto espaços de sociabilidade e solidariedade. As comunidades quilombolas são a representação da força e resistência dos povos negros como Kabelengele Munanga (1988, p.72) traz em sua fala

Para o qual os quilombos brasileiros tratavam-se: De uma reunião fraterna e livre, com laços de solidariedade e convivência resultante do esforço dos negros escravizados de resgatar sua liberdade e dignidade por meio da fuga do cativeiro e da organização de uma sociedade livre. Os quilombolas eram homens e mulheres que se recusavam viver sob o regime da escravidão e desenvolviam ações de rebeldia e de luta contra o sistema

Assim Munanga explora a relevância contemporânea dos quilombos, sublinhando que eles continuam sendo espaços de resistência e reivindicação de direitos. As comunidades quilombolas atuais lutam por reconhecimento legal e pela posse de suas terras, enfrentando desafios que refletem as desigualdades raciais e sociais persistentes no Brasil. Desse modo, o conceito de quilombo, para Munanga, transcende seu contexto histórico, funcionando como um símbolo duradouro da busca por cidadania, igualdade e justiça social na sociedade brasileira.

Pesando a perspectiva atual acerca do conceito de quilombolo Beatriz Nascimento traz a necessidade de permanecermos nesse movimento de aquilombamento, que agora ultrapassa os limites de espaço físico e diz respeito as redes de apoio e solidariedade necessária entre os povos negros constituindo] o movimento de fortalecimentos das identidades sendo portanto uma estratégia de manutenção da sobrevivência negra.

Históricamente o termo quilombo vem passando por uma reinterpretação, sendo inclusive utilizado metaforicamente para se referir a formas diversas de resistência e luta,



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

passando a ser incorporado também por grupos marginalizados. Assim a ideia de quilombo não está mais restrita à fuga física da escravidão, mas envolve resistir às formas modernas de opressão, como racismo estrutural, exclusão social, desigualdade econômica e violência contra populações negras e indígenas.

Assim, a palavra quilombo evoca um legado de resistência que continua a inspirar movimentos sociais, principalmente no contexto de direitos humanos e igualdade racial. Para muitos, os quilombos contemporâneos representam a continuidade de uma luta que se iniciou no período colonial e persiste até hoje. O historiador Girolamo Domenico Treccani (2006, p.14) ressalta que

o termo 'quilombo' deixa de ser considerado unicamente como uma categoria histórica ou uma definição jurídico-formal, para se transformar nas mãos de centenas de comunidades rurais e urbanas, em instrumento de luta pelo reconhecimento de direitos territoriais

A reinterpretação do termo quilombo amplia seu significado, transformando-o em um poderoso símbolo de resistência, identidade e justiça social no Brasil contemporâneo. Não se trata apenas de uma referência ao passado de luta contra a escravidão, mas também de um conceito vivo, que continua a inspirar movimentos de resistência e a reivindicar os direitos das populações negras e marginalizadas no presente.

PÉS NO CHÃO E A BENÇÃO AOS MAIS VELHOS : OS TERRITÓRIOS DA PESQUISA

Ao chegarmos no quilombo Monte Recôncavo localizado em São Francisco do Conde-Ba fomos recepcionados pelo companheiro Rubens, líder quilombola, professor da educação básica e babalorixá, que nos conduziu até um barracão para que pudéssemos almoçar. O caminho me chamou atenção, estávamos em uma área rural de chão íngreme e de barro pisado, durante o percurso encontramos algumas casas de candomblé e a bandeira branca não negava, TEMPO! Rubens brinca ao dizer que ali é conhecido como a “rua da macumba” pelo quantitativo de terreiros.



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

Chegamos até o local e fomos conduzidos para o fundo da casa onde estava localizado o barracão de caboclo Tumba Jussara, tirei os sapatos para sentir o chão daquele território, pedi licença para entrar e antes mesmo de adentrar, o assentamento para Ogum logo me chamou atenção. Esse movimento de sentir o espaço/território, entender o que ele tem a dizer e respeitar essa combinação de sentidos está diretamente ligado ao conceito de Cosmopercepção que vem fazendo um giro decolonial naquele que eurocentricamente é compreendido como cosmovisão, em relação a isso Oyěwùmí (1997, p. 3) fala que:

O termo “cosmopercepção” é uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais. Neste estudo, portanto, “cosmovisão” só será aplicada para descrever o sentido cultural ocidental, e “cosmopercepção” será usada ao descrever os povos iorubás ou outras culturas que podem privilegiar sentidos que não sejam o visual ou, até mesmo, uma combinação de sentidos.

Realizo esta contextualização para que você leitor possa sentir a experiência que foi esse momento, que para mim foi o mais importante e significativo! Rubens inicia um diálogo explicando como se dá a organização geográfica da comunidade e traçando um breve contexto histórico a respeito do Monte Recôncavo.

Enquanto mulher, preta e professora me atendo as falas de Rubens no que tange o contexto educacional, afinal esses aspectos dialogam diretamente com a minha formação inicial, assim como com os meus interesses de pesquisa. É inegável que através de lutas homéricas e ainda que a passos lentos a educação brasileira tem tido avanços no que tange pensar os sujeitos quilombolas. O projeto de educação diferenciada para as comunidades quilombolas corrobora para o fortalecimento desses povos que estão à margem sendo estigmatizados e silenciados. Em relação à importância da educação quilombola Miranda (2012, p.374) pontua:

A implantação da modalidade de educação quilombola insere-se no conjunto mais amplo de desestabilização de estigmas que definiram, ao longo de nossa história, a inserção subalterna da população negra na sociedade e, conseqüentemente, no sistema escolar



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

Desse modo a educação quilombola corresponde a um processo educativo voltado para as comunidades quilombolas, com o objetivo de promover a valorização da cultura afro-brasileira, fortalecer a identidade quilombola e garantir o direito à educação de qualidade para essas comunidades. Este tipo de educação é essencial para a preservação das tradições e memórias, além de ser uma ferramenta poderosa na luta contra a discriminação e a desigualdade social.

Apesar de compreender que ainda existem inúmeras lacunas quando o assunto é a educação quilombola, é inegável a importância desta para as comunidades. Dentre os relatos apresentados por Rubens um ponto que me chamou atenção é o fato do Município de São Francisco do Conde não aderir nas escolas a educação quilombola, o que denuncia o descaso intencional voltado para esses indivíduos.

Não à toa, o companheiro pontua as dificuldades enfrentadas enquanto professor de uma escola municipal situada em uma comunidade quilombola onde as famílias pertencentes não se reconhecem como tal, e ao contrário disso, recusam a titulação de quilombola. Rubens coloca que “como a gente concorre com a demanda de projetos que são enviados? como a gente bate de frente com as datas comemorativas do calendário escolar? Como a gente explica para os alunos a importância de se reconhecer quilombola?” e continua “Isso é o mesmo que dá murro em ponta de faca como diz mainha “

A fala de Rubens revela mais uma vez a necessidade de um currículo escolar diferenciado, entendendo que a escola não pode mais permanecer no lugar de negar as especificidades desses indivíduos, onde a educação se esconde por trás da cortina da neutralidade ao passo que atua ideologicamente no processo educacional desses sujeitos. É necessário que seja ofertado a esses estudantes aquilo que está colocado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola na Educação Básica:



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

Uma proposta de educação quilombola necessita fazer parte da construção de um currículo escolar aberto, flexível e de caráter interdisciplinar, elaborado de modo a articular o conhecimento escolar e os conhecimentos construídos pelas comunidades quilombolas. Isso significa que o próprio projeto político-pedagógico da instituição escolar ou das organizações educacionais deve considerar as especificidades históricas, culturais, sociais, políticas, econômicas e identitárias das comunidades quilombolas, o que implica numa gestão democrática da escola que envolve a participação das comunidades escolares, sociais e quilombolas e suas lideranças. Por sua vez, a permanência deve ser garantida por meio da alimentação escolar e a inserção da realidade quilombola em todo o material didático e de apoio pedagógico produzido em articulação com a comunidade, sistemas de ensino e instituições de Educação Superior. (Brasil, 2012, p. 26)

Com isso, a educação escolar quilombola, amparada pela Lei 11.645 e pelas diretrizes nacionais, é parte de um esforço mais amplo para reconhecer, valorizar e preservar a diversidade cultural do Brasil. Ela é uma resposta à exclusão histórica das populações quilombolas e busca oferecer uma educação que respeite suas especificidades culturais, garantindo-lhes um espaço legítimo dentro do sistema educacional brasileiro. No entanto, ainda há muito a ser feito para superar os desafios práticos e garantir que essa modalidade de ensino seja amplamente implementada e eficaz em todo o território nacional.

Assim a educação quilombola possibilita dentre tantos aspectos um currículo inclusivo e contextualizado porque o currículo escolar nas comunidades quilombolas é adaptado para incluir a história, as tradições, os saberes e as práticas culturais quilombolas. Isso ajuda a fortalecer a identidade e a autoestima dos estudantes. Outro aspecto importante a ser pontuado é o de que a educação quilombola adota uma perspectiva afrocentrada, que coloca a cultura e a história africana e afro-brasileira no centro do processo educativo, combatendo o eurocentrismo presente em muitos currículos tradicionais.

Quando o poder público nega a educação quilombola a esses sujeitos não podemos considerar esse aspecto como fruto do acaso, ou dado a partir da ingenuidade, não ofertar a esses sujeitos a educação escolar quilombola acaba por fortalecer a construção de uma identidade negativa a respeito do que é ser quilombola assim como afeta inúmeras outras instancias como Rubens bem coloca “a agricultura familiar é



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

favorecida, os alunos passam a entender o quilombo como algo positivo e até as rixas que existem aqui na comunidade diminuem “. Onde segundo Souza (2008, p.78):

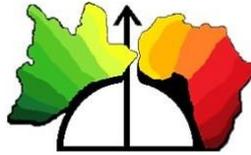
A noção de identidade quilombola está estreitamente ligada à ideia de pertença. Essa perspectiva de pertencimento, que baliza os laços identitários nas comunidades e entre elas, parte de princípios que transcendem a consanguinidade e o parentesco, e vinculam-se a ideias tecidas sobre valores, costumes e lutas comuns, além da identidade fundada nas experiências compartilhadas de discriminação

Pensar esses aspectos me faz refletir em como ainda estamos longe de uma educação de qualidade, de como ainda existem tantas mazelas quando se pensa o povo negro e em como a educação enquanto instrumento de poder tem sido utilizada no sentido de inferiorizar nossos povos, a frase presente no título desse trabalho “empoderar gente preta é dar ousadia “proferida pelo companheiro Rubens ficou martelando na minha cabeça desde então.

Rubens forja seu corpo-território quilombola quando mesmo diante de tantos empecilhos ele fissa o sistema, incluindo as histórias de vida de seus alunos nas avaliações, fortalecendo o pertencimento identitário dos educandos e existindo! Afinal, existir é uma das mais potentes formas de insubordinação. No diz respeito a esse corpo-território Miranda (2022, p.93) diz:

A perspectiva de corpo-território busca retirar a neblina para que do outro lado na penumbra se encontre uma leitura de mundo que extrapole um único horizonte de ser, sentir, viver e criar nossos afetos. Trazer um olhar para o território, pode de início, cristalizá-lo em uma concepção meramente estática, fixa e imutável. Porém, convido você a saber que o seu corpo tem existido na América Latina como um dispositivo de disputas, as quais podem ser tracionadas para reverberar o projeto civilizatório advindo das caravelas, mas que também consegue se insurgir e prospectiva nas brechas e gretas as potências políticas de tensionamentos da estrutura social

Pensar copo-território quilombola é enxergar em Rubens a subversão, através do seu corpo, da sua fala, da sua atuação enquanto profissional da educação básica e da sua função enquanto babalorixá. É pensar esse sujeito que subverte a lógica colonial e que se coloca no frente.



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

O conceito de corpo-território a meu ver se coloca como o elo para pensar as demandas apresentadas pelas comunidades, assim como, dialoga diretamente com os debates trazidos nas aulas. A partir das falas e vivências é possível observar que existe um projeto muito bem alicerçado na tentativa de negar o corpo-território desses sujeitos por entender a potência que eles trazem. Assim o corpo-território:

[...] propicia ao indivíduo entender o que está ao seu redor a partir do seu próprio corpo, de si mesmo, sua posse sobre o seu corpo, assim como uma territorialidade em constante movimento que para onde se desloca carrega consigo toda a bagagem cultural construída ao longo das suas trajetórias. (MIRANDA, 2014, p. 69-70)

Atravessando as encruzilhadas chegamos ao quilombo D. João onde fomos recepcionados pelo senhor Zé do Guaiamum, que ao ser questionado sobre quais as maiores dificuldades encontradas pela comunidade pontuam “Vocês querem mesmo saber? Vocês querem mesmo saber? Se a gente for falar das dificuldades a gente fica aqui até amanhã (brinca) “Com o tom de voz mais baixo e meio sem jeito seu Zé diz “a gente sofre com essa coisa de Petrobras“.

O quilombo D. João diferente do Monte tem como fonte de renda principal a pesca e os mariscos, hoje eles ocupam uma área que era utilizada pela Petrobras para a exploração do petróleo. A comunidade é reconhecida como comunidade quilombola e possui uma estrutura diferente da do Monte, o território é rodeado pelo manguezal que é o berço de vida para eles.

Seu Zé faz questão de nos apresentar o seu trabalho de que fala com orgulho e olhos brilhantes, na sua casa eles nos apresenta os guaiamuns, sua fonte de renda e de sobrevivência. Quando falamos de ecologia e do cuidado com a natureza certamente poucos de nos pensamos no seu Zé, onde as vezes não consideramos a importância do seu trabalho para a manutenção da comunidade e para além disso a manutenção da natureza.



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

Ele diz “aqui se reproduzem em média 10 mil guaiamuns por ano, eu sei que são mais, porém eu conto 10 mil, desses 10 mil eu fico com 5 e devolvo 5 para a natureza, lá ela dá conta do que faz, uns viram comida de bichos maiores e outros reproduzem “. Desconheço algo que seja mais ecológico do que o que seu Zé faz. Onde a partir do seu trabalho ele movimenta toda uma cadeia de sobrevivência.

Seu Zé se apresenta como mais um mantenedor da comunidade, forjando as estruturas e organizando táticas de sobrevivência configurando na prática o que é a luta quilombola. Assim a luta quilombola é um processo contínuo de resistência e reivindicação dos direitos das comunidades remanescentes de quilombos no Brasil abrangendo várias dimensões, incluindo a luta por terras, direitos culturais, reconhecimento e políticas públicas que garantam a dignidade e a sobrevivência dessas comunidades.

Além dos desafios impostos socialmente a esses povos pelo poder público, seu Zé pontua os conflitos que existem com os fundiários as comunidades quilombolas frequentemente enfrentam conflitos com grandes proprietários de terras, empresas de agronegócio e interesses imobiliários. Esses conflitos podem resultar em violência, ameaças e até mesmo na morte desses sujeitos. Quanto a importância do território para o seu povo Munanga (2012, p.19) expõe

A destruição da identidade de um povo começa pelo aniquilamento e ocupação do seu território, pois sem território os demais aspectos da cultura não têm suporte para se refazerem. Creio que a morte total de um povo começa com a destruição ou expropriação do seu território enquanto suporte material de todas as manifestações identitárias

Não existe comunidade quilombola sem terra, não existe quilombolas sem território e retirar esse elemento se configura como uma forma cruel e perversa de destruição desse povo. Seu Zé, assim como a maioria da comunidade sobrevive daquilo que a natureza oferece e como em um compasso harmonioso desenvolvem uma relação de reciprocidade com a natureza. A importância da terra para esses povos está para além de espaço unicamente físico como sinaliza Sarmiento (2007, p.83)



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

Para comunidades tradicionais, a terra possui um significado diferente da que ela apresenta para a cultura ocidental hegemônica. Não se trata apenas da moradia, que pode ser trocada pelo indivíduo sem maiores traumas, mas sim do elo que mantém a união do grupo, o que permite a sua continuidade no tempo através de sucessivas gerações, possibilitando a preservação da cultura, dos valores e do modo peculiar de vida da comunidade étnica.

As terras quilombolas são essenciais para a preservação das identidades culturais e modos de vida dessas comunidades. Elas representam não apenas um espaço físico, mas também um símbolo de resistência e de luta pela justiça social e pelos direitos humanos. Além disso, são locais onde se mantêm práticas agrícolas tradicionais, conhecimentos ancestrais e modos de vida comunitários que contribuem para a diversidade cultural do Brasil.

Apesar dos direitos garantidos pela Constituição, muitas comunidades quilombolas enfrentam desafios para a regularização de suas terras. Entre os principais obstáculos estão a lentidão dos processos burocráticos, a pressão de interesses econômicos sobre os territórios e, em alguns casos, a falta de reconhecimento e apoio adequado do Estado. Ser reconhecido ainda não é garantia de segurança, um exemplo disso é a própria comunidade D. João que, apesar do reconhecimento ainda enfrentam batalhas diárias para serem compreendidos como sujeitos que possuem direitos que são instituídos por lei e devem ser minimamente assegurados .

Por fim, acreditando na educação enquanto potência para a emancipação dos sujeitos e as comunidades quilombolas como importante espaço de afirmação e fortalecimento identitário. Nesse cenário pesquisado a educação escolar quilombola é de fundamental importância para a promoção da inclusão, valorização cultural e justiça social no Brasil. Este modelo educacional desempenha um papel fundamental em vários aspectos, que incluem a preservação das identidades culturais, o fortalecimento das comunidades e a promoção de uma educação mais equitativa e contextualizada.



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

Nesse contexto considerar a existência dos sujeitos quilombolas é fundamental, entendendo que esses indivíduos possuem uma identidade cultural única, fortemente ligada às suas tradições, práticas culturais e história de resistência. Os quilombos então se constituem como mecanismos de sobrevivência mantendo vivas as heranças culturais africanas através de rituais, festividades, músicas, danças, gastronomia e outras manifestações culturais.

Com a realização da pesquisa o elemento que se destaca como base e que está ligado tanto a experiência que vivenciamos na comunidade do Monte como no D. João é a resistência quilombola que se configura como um capítulo vital na história do Brasil, representando a luta contínua das comunidades afrodescendentes contra a opressão, a discriminação e a injustiça social. Desde o período colonial até os dias atuais, a resistência dos quilombolas tem se manifestado de diversas formas, sempre com o objetivo de preservar sua liberdade, identidade, culturas e modos de ser e estar no mundo.

REFERÊNCIAS

Brasil. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. “Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias que estabelece: Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”. Diário Oficial da União, Brasília, DF: Presidência da República, 5 out. 1988.

Miranda, S. A. **Educação escolar quilombola em Minas Gerais**: entre ausências e emergências. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro: ANPEd; Campinas: Autores Associados, v. 17, n. 50, p. 369-498, maio/ago. 2012.

MIRANDA, E. O. Corpo-território Decolonial. In: Doris Cristina Vicente da Silva Matos, Cristiane Maria Campelo Lopes Landulfo de Sousa (org.). **Suleando conceitos e linguagens**: decolonialidades epistemologias outras. 1.ed. Campinas: Pontes Editores, 2022, v. 1, p. 91-94.



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

MIRANDA, E. O. **O negro do Pomba quando sai da Rua Nova, ele traz na cinta uma cobra coral:** os desenhos dos corpos-territórios evidenciados pelo Afoxé Pomba de Malê. 2014. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Desenho Cultura e Interatividade) - Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade, Departamento de Letras, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2014. Disponível em: <http://tede2.uefs.br:8080/bitstream/tede/97/2/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Eduardo%20Miranda.pdf>. Acesso em: 31 de maio. 2024.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil:** identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis, Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude:** usos e sentidos. 2.ed São Paulo, SP: Ática, 1988.

OYĚWŪMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. P.42.

SARMENTO, Daniel. A garantia do direito à posse dos remanescentes de quilombos antes da desapropriação. In: DUPRAT, Deborah (Org.). **Pareceres jurídicos:** direitos dos povos e comunidades tradicionais. Manaus: UEA, 2007. p. 77-104.

TRECCANI, Girolamo Domenico. **Terras de Quilombo:** caminhos e entraves do processo de titulação. Belém: Programa Raízes, 2006.